



# “Não temos ouro, petróleo nem diamantes, mas temos pessoas”

TEXTO CÁTIA MATEUS

Lidera há vários anos o Centro de Investigação de Materiais da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e foi a primeira cientista portuguesa a atrair vários milhões de euros para a ciência portuguesa ao conquistar uma bolsa avançada do European Research Council (ERC). Elvira Fortunato é um dos rostos da ciência nacional e dela que fala numa empvista focada nos desafios de empregabilidade que enfrentam os investigadores portugueses.

Com que dilemas e entraves se debatem hoje os cientistas que ambicionem fazer carreira na investigação em Portugal? Penso que neste momento o maior obstáculo passa pelo acesso à carreira universitária, que está a envelhecer e precisa de ser rejuvenescida. Aí precisamos dos melhores entre os melhores, se quisermos progredir e ser uma mais-valia para o país, onde a riqueza fatalmente se terá de alicerçar cada vez mais no conhecimento. Não temos ouro, petróleo nem diamantes, mas temos pessoas. Há muitos excelentes investigadores que ambicionam ter uma carreira académica (de referir que a carreira académica não está de todo separada da carreira científica, aliás as duas por definição são unas, é essa a definição de professor universitário), mas nos últimos anos tal tem estado perfeitamente vedado. Corremos o risco tremendo de não utilizar para a nossa cadeia de valor futuro jovens recursos humanos extremamente especializados e competentes.

**Os mesmos que abandonam o país...**

Não podemos deixar que jovens altamente especializados



TIAGO MIRANDA

Elvira Fortunato foi a primeira cientista portuguesa alcançar uma bolsa na ERC, colocando a investigação portuguesa na mira dos cientistas internacionais

abandonem Portugal. Podem fazê-lo por opção, mas não por obrigação.

**Portugal tem na ciência, como noutras áreas, um problema de fuga de cérebros?**

Ainda é um problema, mas temos de reconhecer que também se sai por opção, porque se quer ser mais competitivo e/ou ganhar mais-valias. Neste aspeto, no mundo global da ciência, esta livre circulação pode e deve ser também encarada como estimulante e até enriquecedora, se também ajudar a promover a internacionalização das unidades que formaram esses jovens. Devemos reconhecer que há muito bons exemplos e excelentes investigadores que querem vir para Portugal e geralmente nesses não se fala tanto.

**“Para se fazer carreira na área da investigação temos de prescindir de várias coisas”**

**Falamos mais nos que saem, mas não nos que entram em Portugal. Mas há também jovens portugueses a procurar instituições estrangeiras para se doutorar...**

Sim. Aqui, aspetos negativos que existem e quem faz com que muitos dos recém-licenciados

com excecionais competências procurem outros lugares para se doutorarem, prendem-se com as regras da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Ministério da Educação e Ciência (FCT-MEC) que privilegiam o tempo/idade, como um posto à qualidade dos alunos. Isto é, ao avaliar os candidatos a bolsas de doutoramento com base num modelo em que o peso de trabalhos científicos (independentemente do seu fator de impacto) tem no processo de avaliação, sem se ter em conta o número de anos em que foram conseguidos, claramente veda o acesso a todo e qualquer recém-licenciado a bolsas, por mais brilhante ou excepcional que tenha sido. Isto sim é mau e força os melhores a

ID: 61034874

19-09-2015 | Emprego

saírem do país e buscarem outros lugares onde possam potenciar todas as suas competências.

### A formação de jovens investigadores em Portugal tem sido suficiente para rejuvenescer o tecido científico nacional?

Sim, temos até um problema a nível nacional que é o de não estarmos a ser capazes de absorver todos os doutorados que são formados e isso tem que ver com o facto de não conseguirem trabalho nas empresas, ficando a maioria em centros de investigação. Há que fazer todo um trabalho de clara definição das áreas de emprego científico, onde as RIAS (Redes Inteligentes de Aplicação do Saber) que proponho é um caso

**“O meu desafio é democratizar a ciência e tecnologia, e mostrar que por vezes não são necessários muitos milhões para se ser competitivo”**

claro de estratégia de futuro. Não é credível que todos os doutorados fiquem circunscritos ao mundo académico, a dar aulas ou a trabalhar em centros de investigação controlados, ou sob a sombrinha das universidades. Menos de 3% dos nossos doutorados estão em empresas. Isto tem de mudar, caso contrário, muitos terão fatalmente de emigrar.

### A integração destes doutorados nas empresas é para si vital?

A estratégia de Portugal passa pela criação de riqueza assente no conhecimento e para isso quer-se mais e melhores talentos nas empresas, mais e melhor ligação de empresas à academia e isso passa por um melhor diálogo, onde as peças-chave são os doutores, que devem ser formados, desde raiz, num ambiente empresarial (saber

fazer, sem desperdício e saber projetar as ideias que possuem em coisas de sentido prático e estratégico). Como essa cultura não existe, é claro que esses talentos terão de buscar outras paragens. Ainda há muito aquele estigma de que a investigação que é feita nas universidades está muito distante dos objetivos das empresas. O que é profundamente errado, pois as empresas não podem pensar no presente mas sim no futuro distante e isso só se pode fazer com a ajuda das universidades e dos centros de investigação.

### Diria que também na carreira científica é preciso inovar para conseguir sobreviver em Portugal?

Fazendo um paralelismo com o futebol, é preciso saber em que divisão queremos jogar. Se quisermos estar na primeira divisão temos de trabalhar mais e fazer escolhas assertivas, onde o trabalho tem por limite o infinito. Se nos contentarmos com a terceira divisão, se calhar as coisas são mais fáceis. É claro que quando se faz investigação científica de ponta, como a que é feita no instituto e centro que dirijo, é preciso inovar e estar sempre na linha da frente. Caso contrário, muito facilmente somos ultrapassados, pois a dinâmica da investigação a isso nos leva.

### Pode o país orgulhar-se da sua evolução científica?

Sim, podemos dizer que Portugal se pode orgulhar da evolução que teve num curto espaço de tempo.

### O atual quadro comunitário atribui grande relevância à investigação e ciência. Quais são as suas expectativas em relação aos resultados práticos deste investimento?

Portugal deve aproveitar ao máximo estas oportunidades. O programa Horizonte 2020 é o maior programa mundial em termos de Investigação, Desenvolvimento e Inovação. Pela primeira vez, a Europa definiu áreas bandeira da investigação, como é o caso do grafeno ou das associadas ao cérebro humano. Também pela primeira vez se pretende falar da ligação dos chamados fundos estruturais europeus aos fundos de investigação que queremos e projetamos, de forma a que se

potenciem todos os recursos que temos disponíveis (Horizonte 2020 e fundos estruturais). Por outro lado, acredito que os pilares de desenvolvimento e sustentação definidos pela Comissão (água, alimentação, saúde e energia), complementados com a chamada economia circular, muito têm que ver com o que queremos e podemos fazer em Portugal.

As minhas expectativas são altas. Os mecanismos existem, só temos de trabalhar para os conseguir alcançar.

### Se a ciência o permitisse, que grande problema nacional escolheria resolver?

A demora na justiça.


cmateus.externo@impresa.pt

## Doutores, mas precários

O número de portugueses com doutoramento em Portugal envolveu dos 860, contabilizados no ano 2000, para 2668, em 2013, segundo dados da Pordata. Um aumento exponencial de qualificações que, segundo o estudo “A Empregabilidade dos Doutorados nas Empresas Portuguesas”, coordenado pela Advancis Business Services, não se traduz em estabilidade no emprego. Segundo a investigação, embora 94% dos portugueses doutorados estivessem em 2012 empregados, 41% tinham vínculos contratuais precários, trabalhando em regime de trabalho temporário. É na área das Ciências Naturais que a percentagem de doutorados com vínculos desta natureza é mais expressiva: 55%. Na base deste cenário poderá estar o afastamento entre os doutorados e o tecido empresarial nacional. Só 4% dos doutorados portugueses exerciam, em 2012, a sua atividade principal nas empresas, segundo o estudo. A percentagem é das mais baixas da Europa. Na Dinamarca, por exemplo, 38% dos doutorados estão integrados nas empresas. A larga maioria dos doutorados portugueses estavam, em 2012, ligados à docência (54%) ou à investigação (42%). Na verdade, dados recentes da OCDE colocavam Portugal como um dos países do mundo com maior concentração de doutorados no ensino superior. Por ocasião da apresentação do estudo, os autores – Ana Barroca, Gonçalo Meireles e Catarina Neto – salientaram o afastamento entre o sector empresarial e os doutorados, remetendo para as conclusões do estudo onde fica patente que “o sector empresarial ainda não despertou para as mais-valias de ter doutorados nos seus quadros ou, por outro lado, não é capaz de atrair mais destes profissionais para as suas fileiras, como seria desejável para cumprir os objetivos das políticas públicas”. Entre as principais barreiras que ainda se colocam à entrada de doutorados nas empresas estão, segundo o estudo, “a existência de representações sociais estereotipadas sobre os doutorados e sobre as empresas, o distanciamento entre a academia e a indústria e um desfazamento entre o perfil dos doutorados e as competências procuradas pelas empresas”. Um doutorado tem, segundo os autores, em média, 38 anos quando conclui a sua formação. O fator idade funciona também como um entrave à contratação por parte das empresas que, tendencialmente, preferem integrar profissionais mais jovens ou, mais seniores, mas com larga experiência de contexto empresarial. Um fosso que deverá continuar a aumentar já que há cada vez mais candidatos a doutoramento inscritos nos vários programas disponíveis nas universidades nacionais. No último ano, 20.245 portugueses estavam inscritos em programas de doutoramento. As áreas das Ciências Sociais, Ciências Exatas, Engenharias e Tecnologias são as que concentram maior número de candidatos.

## FORMAÇÃO

Página 15



Elvira Fortunato, investigadora e diretora do Centro de Investigação de Materiais, analisa a empregabilidade dos investigadores portugueses numa entrevista onde fala da fuga de cérebros, das dificuldades de acesso à carreira académica e dos desafios de fazer ciência em Portugal.

**“A carreira académica precisa de rejuvenescer”**

Página 4